Louvação a Raimundo Girão[1]

EDUARDO CAMPOS (*)

Para bem começar valho-me da inspiração de sonetista emérito, Antônio Antunes de Menezes, que nada melhor e mais na exata, acrescento, acode-me agora diante da majestosa lembrança do historiador e humanista Raimundo Girão, aqui louvado, nesta memorável comemoração, a ensejo de seu primeiro centenário:

> "Vosso braço de ações sempre fecundo,
> Vossa boca em pedir emudecida,
> fazem vossa grandeza mais luzida,
> fazem vosso conceito mais profundo!"

E ajunto, em tom de sentimento poético, como queria Camões:

> "A saudade escreve, e eu traslado..."

Assim explicado, a modo de exórdio, passo a contar de mim para contar do grande amigo ausente, e retroajo no tempo.

Se Mozart Soriano Aderaldo - outro convocado por Deus para as benesses eternas - favoreceu-me a ditosa oportunidade de garantir meu assento entre os imortais da Academia Cearense de Letras, de Raimundo Girão tornar-me-ia devedor, até hoje, por seu estímulo a meu ingresso na confraria de sábios que exercem a guarda das nossas tradições históricas no Instituto do Ceará.

E por mais diante a esse mesmo desvelado amigo, apreciador de meus modestos talentos, e que me oferecia livros dando-me por

---

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

seu dileto amigo, devo por igual minha participação no Conselho de Cultura do Estado, e mais à frente, em decorrência de campanha que empalmou minha eleição à presidência da Academia Cearense de Letras, posição a que cheguei, e aí demorei por cinco sucessivos biênios.

Foi por certo ele, Raimundo Girão, arguto observador da inclinação literário de seus apreciados, que despertou minha dedicação à pesquisa histórica, estimulando-me a resgatar os momentos da intimidade de coisas e pessoas da cidade de Fortaleza, o que acabaria fazendo desde quando assumi a Secretaria de Cultura do Estado, onde permaneci nas administrações Virgílio Távora e Manoel de Castro.

Só anos depois, a pouco e pouco, fui compreendendo que tínhamos ambos os mesmos propósitos de estima pela cidade de Fortaleza. Na verdade, sob licença poética mas bastante sensual também, éramos assumidamente os seus privilegiados amantes.

Sei de mim, no entanto, que requestava a "loura desposada do sol", nomeada assim por Paula Ney, outro deslumbrado de seus encantos, pouco atento à didática do jogo amoroso preconizado por Teophilo Braga:

"para bem cantar e trovar, é preciso amar..."

Enquanto a seu passo, meu imbatível rival, mais amadurecido e experiente, qual o Velho apaixonado da peça de Gil Vicente, tinha ciência de que...

"O maior risco da vida,
e mais perigoso, é amar..."

Basta ver a paixão que ilumina Raimundo Girão a cada página de "Geografia Estética de Fortaleza", a mais admirável declaração de amor, já recitada em prosa, a uma urbe.

No mais, estaríamos ele e eu sempre concordantes e sem confrontos.

Dele nada mais fui que atento e dedicado discípulo, e ele, ao longo do nosso relacionamento, o professor que jamais ostentou a condição excepcional de mestre.

A essa altura vem hora de revelar: minha tendência para a pesquisa se direcionou, durante anos, tão-só para o folclore, ciência em que me inaugurei com "Medicina Popular" .

A esses dias - e me perdoem o tom confessional, tão pessoal - mantinha certa resistência ao sentido, que me não parecia claro, dos estudos históricos cearenses. Em verdade, e cuido logo de explicar - havia em mim a tendência para rejeitar o contar minudente, às vezes repetitivo, dos que exerciam a pesquisa histórica, sempre a meu ver escravos de datas e fortuitas circunstâncias.

Desse modo não conseguiria me sensibilizar o aplicado discurso do Barão de Studart, irreconciliável com o que eu esperava do exercício do historiador.

Mas em João Brígido, não obstante as imperfeições (a apontada excessiva liberdade de explicar os fatos) revelava-se algo que se adequava à minha maneira de ver e sentir a rememoração dos episódios dimensionados historicamente.

Era um jeito, o dele, de contar mais crível, mais decodificado, e possivelmente mais presente de humanidade. E fazia a diferença.

George Duby, irretocável medievalista recém-desaparecido, ao longo de memorável obra científica, manteve-se de modo obstinado, permanente, um bom intérprete das "aventuras do corpo".

Dele este conceito:

"Os historiadores se interessam agora pelo corpo, pelas aventuras do corpo, mas também pela consciência que os homens de outrora tiveram de seu corpo."

E a tanto elastece a proposição que, sob essa conceituação, contempla a própria dor, senhora de uma história, a seu entender. (Idade Média, Cia. De Letras, 1998, p.161).

Tudo assim proposto não muito distanciado do que já recomendava a inventiva poética , e sábia, de Camões:

"Olhai que sois - e vêde as outras gentes..."

Foi, portanto, o modo de ignorar as outras gentes, ou se quiserem, as "aventuras do corpo" (o que em abrangente signifi-

cado é o conserto de quantos se amalgamam a configurar a sociedade, vilões ou barões, bandidos ou heróis, santos ou pecadores), que acabou tornando o discurso histórico desses dias pelo menos um tanto distante das preocupações vivenciadas pelas pesoas.

Nesse ponto recorro ao irrepreensível Thomaz Pompeu Sobrinho. Seu pensamento, em prefação a tomo especial da Revista do Instituto do Ceará, em 1956, comemorativo do "Primeiro Centenário de Nascimento do Barão de Studart", conquanto o fizesse com elogiável raro sentido diplomático, deplora:

"O Barão de Studart não conseguiu infelizmente tirar dos seus arquivos todo o proveito imediato que seria possível, malgrado o vulto impressionante da sua obra histórica.

E no mesmo lugar alude explicitamente à "exposição nua dos acontecimentos", modo de apreciar que, a interesse de nosso raciocínio nesta oportunidade, ajusta-se à idéia de ausência de interesse às "aventuras do corpo", ou seja, à agitação de vidas, de propósitos da criatura, caudatários sem dúvida, em qualquer tempo, dos efeitos da própria história.

Assim, portanto, a desejável intimidade da história com o "corpo", e, em conceito mais abrangente com o calor da participação humana, a significar família, o quotidiano com suas implicações, as derrocadas e glórias, elevações e declínios morais, dramas de vida e morte, e sobretudo dor, só se vai inaugurar na historiografia do Ceará de modo consciente, na obra ereta pelo historiador Raimundo Girão, o que vai correr paralelo com o trabalho desenvolvido por outros estudiosos, no caso Gustavo Barroso e Djacir Menezes, para mencionar apenas os mortos.

Não só números e datas; não só a descrição do relacionamento histórico de eventos, mas isso e mais a caracterização da vontade política de pessoas, o exercício da cidadania, o vagaroso e progressivo percurso da atividade econômica, as turbações climáticas, os vexames e os vexados; tudo em maior ou menor proporção passa a importar no discurso de Raimundo Girão

A linguagem do historiador em sua sólida "História Econômica do Ceará" surpreende por inovar com os tons e intenções de sociólogo a serviço da História, a quem não parece e não é despiciendo o que ele denomina de "exposição etnológica."